



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **O COMPORTAMENTO AGRESSIVO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA A NORMATIZAÇÃO DE ESCALA**

Roberta Bolzan Jauris  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: robertajauris@hotmail.com

Edisio Pereira da Silva Luz Júnior  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: epsljr@gmail.com

Joyce Fernandes Prates  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico:

### **INTRODUÇÃO**

Apesar da temática de Comportamento Agressivo Infantil atualmente ser alvo de muitas pesquisas, ainda existem poucos instrumentos que visem à avaliação desse construto na literatura internacional (BORSA, 2016). Especificamente no contexto brasileiro, de acordo com o levantamento feito por Borsa e Bandeira (2011), a escassez desses instrumentos pode fomentar as pesquisas na área da Psicologia para produção de métodos de avaliação, tendo em vista a relevância das investigações sobre comportamentos agressivos em crianças. Este presente trabalho tem por objetivo contribuir para a normatização da Peer Aggressive Behavior Scale (PAB-S) ou Escala de comportamento Agressivo de Pares com sujeitos na faixa etária de 7 a 13 anos. Por se tratar em uma pesquisa em andamento, neste momento apresentaremos a pesquisa com meninos de 11 a 12 anos em uma escola privada de Vitória da Conquista-Bahia.

O comportamento agressivo é considerado um “[...] fenômeno complexo e multideterminado, cujas causas e consequências não contam com um entendimento consensual por parte dos pesquisadores” (BERKOWITZ, BUSHMAN & ANDERSON COIE & DODGE apud BORSA e DESOUZA, 2018, p.179). Segundo Berkowitz (1993) o comportamento agressivo pode ser entendido como o ato intencional de causar algum tipo de dano a terceiros (apud BORSA e DESOUZA, 2018), em particular na infância e adolescência, pode acarretar em sérios problemas sociais e adaptativos (MILLER e LYNAM apud BORSA, 2016). Estes comportamentos, identificados, sobretudo na

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



relação com os pares (BORSA e BANDEIRA apud BORSA, 2018) e em contextos escolares, caso seja intenso e persistente, pode se considerar como um fator de risco a questões relacionadas ao desenvolvimento, como rejeição pelos pares, de acordo com Santo, Bass, Stella-Lopez, & Bukowski (apud BORSA e DESOUZA, 2018). Estudos de Fontes (2016) indicam que sobre os tipos de violência no espaço escolar, é considerada como mais grave a violência continuada e repetitiva, denominada *bullying* ou agressividade entre pares. Os alunos que sofrem agressões caracterizam as mesmas como repetitivas, sendo, empurrões, apelidos e podendo chegar a agressões físicas.

Não pensamos somente na criança que sofre algum tipo de agressividade, buscamos entender também o que leva a criança agressora a ter ações violentas com seus pares. Esta criança agressiva e transgressora deve ser entendida a partir de um sistema biológico e psicológico, considerando o contexto social, cultural, político e econômico pelo qual ela está inserida (PESCE, R. P.; ASSIS, S. G. de. AVANCI, 2008). Com estes contextos entendidos, ainda temos outros elementos que formam a criança e seu contexto, como gênero, temperamento, competência cognitiva, idade, família, vizinhança entre outros. Pensando no aspecto do temperamento como de importância para o desenvolvimento infantil, é ele que nos indicará como a criança pensa e sente os eventos que ocorrem em sua vida. Conforme Pesce, Assis e Avanci (2008), pesquisas apontam que a saúde mental de crianças e adolescentes é influenciada por uma profusão de fatores tanto intrínsecos quanto extrínsecos pertencentes ao meio social que vivem.

Desta forma, Borsa e Bandeira (2011) apontam a necessidade de desenvolvimento e validação de instrumentos nos contextos brasileiros para uma melhor compreensão e produção dos comportamentos agressivos na infância, e é nisso que se baseia o estudo aqui apresentado.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de levantamento, caracterizando-se pela interrogação direta dos sujeitos participantes. Segundo Gil (2007, p. 51), “na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada. Antes seleciona-se [...] uma amostra significativa [...], que é tomada como objeto de investigação”. Esta pesquisa foi realizada em uma instituição de Ensino Fundamental



privada no município de Vitória da Conquista-Bahia, utilizando uma amostra aleatória de doze crianças, sendo 10 meninos com 11 anos e 2 meninos com 12 anos. O percurso metodológico desta pesquisa se deu, no primeiro momento, a partir do contato com a instituição de educação e a entrega da carta de apresentação da pesquisa, a qual explicita os objetivos e aspectos éticos a serem considerados, para que assim, a instituição pudesse aceitar e autorizar o envio dos termos de consentimento aos pais. As crianças participantes também assinaram um termo, caso aceitassem participar da pesquisa.

Os instrumentos utilizados foram a Escala de Comportamento Agressivo de Pares (PAB-S) e a ficha biossociodemográfica. A PAB-S é um instrumento unidimensional de autorrelato, contendo 25 perguntas a serem respondidas na escala tipo Likert de frequência de cinco pontos, sendo estes, nunca acontece, acontece poucas vezes, acontece às vezes, acontece quase sempre e acontece sempre, como forma de avaliar comportamentos agressivos diretos físicos e verbais e indiretos e relacionais (BORSA, 2018), que está sendo validada para o contexto brasileiro. Os mesmos foram aplicados em um único encontro de 50 minutos de forma coletiva em uma sala de aula.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste momento da pesquisa, apresentamos a aplicação da Escala de Comportamento Agressivo de Pares (PAB-S), realizada com doze meninos de onze e doze anos de idade, como segue na Tabela 1.

Tabela 1 – Questionário realizado com os meninos de 11 e 12 anos, escola privada.



Questões

1.Nunca  
acontece  
2.Acontece  
poucas  
vezes  
3.Acontece  
às  
vezes  
4.Acontece  
quase  
sempre  
5.Acontece  
sempre

1. Quando algum colega me provoca, eu brigo com ele.	3	5	4		
2. Bato em meus colegas para conseguir o que eu quero.	12				
3. Falo palavrões para meus colegas	7	5			
4. Quando um colega não concorda com minha opinião, eu grito ou discuto com ele.	7	3	2		
5. Bato em meus colegas para mostrar que sou mais forte que eles.	12				
6. Falo coisas ruins para deixar meus colegas tristes.	9	3			
7. Gosto de bater ou machucar os meus colegas.	12				
8. Fico feliz quando bato em um colega de quem eu não gosto.	12				
9. Gosto de provocar brigas entre os meus colegas.	10	2			
10. Quando algum colega me deixa com raiva, em tento fazer mal para ele.	9	1	2		
11. Coloco apelidos feios nos meus colegas de quem eu não gosto.	10	2			
12. Se meus colegas não concordam com as minhas regras, eu tiro eles das minhas brincadeiras.	8	3	1		
13. Quando algum colega faz alguma coisa que eu não gosto, eu tiro onda da cara dele.	9	2		1	
14. Grito com meus colegas para eles fazerem o que eu quero.	12				
15. Quando algum colega fala mal de mim, eu xingo ele.	6	5			1
16. Invento histórias sobre os meus colegas para os outros deixarem de gostar deles.	11	1			
17. Quando algum colega faz algo que me deixa triste, eu bato nele.	9	3			
18. Fico feliz quando ganho uma briga.	8	2	2		
19. Quando algum colega não faz as coisas do jeito que eu quero, eu bato nele.	12				
20. Faço fofoca sobre meus colegas para ser mais popular.	10	2			
21. Quando algum colega faz algo ruim para mim, eu conto seus segredos para os outros.	8	4			
22. Acho divertido xingar os meus colegas.	12				
23. Quando algum colega me prejudica, eu pego ou estrago alguma coisa dele.	9	3			
24. Faço piada dos meus colegas que são dos outros.	10	1	1		
25. Quando algum colega faz algo que eu não gosto, eu coloco apelidos feios nele.	9	2			1

Fonte: Direta

A partir das respostas obtidas no questionário, destaca-se que os doze meninos responderam que nunca acontece para sete afirmativas: bato em meus colegas para conseguir o que eu quero; bato em meus colegas para mostrar que sou mais forte que eles; gosto de bater ou machucar os meus colegas; fico feliz quando bato em um colega de quem eu não gosto; grito com meus colegas para eles fazerem o que eu quero; quando algum colega não faz as coisas do jeito que eu quero, eu bato nele; e acho divertido xingar os meus colegas. Isto indica que os sujeitos pesquisados não demonstram possíveis traços de agressividade intensa (BORSA e DESOUZA, 2018), apesar de ser uma amostra inicial reduzida, mas representativa da realidade pesquisada.

Apenas uma criança respondeu acontece sempre, em todo o questionário e para a seguinte afirmativa: quando algum colega fala mal de mim, eu xingo ele; sendo a única



criança mais destoante em relação aos outros participantes, podendo ser melhor investigada sobre seu momento de vida.

## CONCLUSÕES

Quando falamos sobre crianças que sofrem algum tipo de agressividade ou que comete agressividades, estamos lidando com problemas na esfera da saúde mental. Percebe-se que na saúde e na educação passamos a identificar problemas comportamentais e intervir sobre eles do que a investir na promoção da saúde mental das crianças. Com a aplicação do PAB-S, pretende-se não somente identificar problemas de agressividade infantil, mas com a ajuda do mesmo, compreender o que leva o sujeito desenvolver determinados comportamentos.

Outro ponto de contribuição para o contexto escolar e a psicologia clínica é a identificação de comportamentos infantis que indiquem possíveis transtornos.

Assim, percebemos a importância de identificar a agressividade infantil para trabalhar a relação entre pares e entender o agressor que passa a exercer influência sobre um grande número de sujeitos que fazem parte de sua convivência e são agredidos fisicamente ou emocionalmente. Neste momento, os sujeitos analisados não apresentaram altos níveis de agressividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agressividade Infantil; Crianças; Escala; Psicometria.

## REFERÊNCIAS

BORSA, J. C. Development and refinement of the Peer Aggressive Behavior Scale – PAB-S. **Psychology: Research and Review**, 29(19), 1-8. 10.1186/s41155-016-0029-5, 2016.

BORSA, J. C.; BANDEIRA, D. R. Uso de instrumentos psicológicos de avaliação do comportamento agressivo infantil: Análise da produção científica brasileira. **Avaliação Psicológica**, 10(2), 193-203, 2011.

BORSA, J. C.; DESOUZA, D. A. Invariância de medida e evidências de validade externa da Peer Aggressive Behavior Scale (PAB-S). **Psico**, Porto Alegre. 49(2), 178-186, 2018.

BORSA, J. C.; BAUERMANN, M. O Desenho da Figura Humana na avaliação da agressividade infantil. **Avaliação Psicológica**, 12(2), pp. 273-274, 2013.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

FONTES, Ana Maria Moraes [et al]. Agressividade entre pares: excesso de intolerância. In.: FRANCISCHINI, Rosângela; VIANA, Meire Nunes. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. Atlas: São Paulo, 2007.

LINS, Taiane et al. Problemas externalizantes e agressividade infantil: uma revisão de estudos brasileiros. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 59-75, dez. 2012 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672012000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300005&lng=pt&nrm=iso). acessos em 22 abr. 2019.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G. de. AVANCI, J. Q. **Agressividade e transgressão em crianças: um olhar sobre comportamentos externalizantes e violências na infância** Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2008.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**